

## COMO CHEGAR AO ITA DE FORD 41

Paulo Cadaval  
22/04/2008

O “fordão” foi fator muito importante na minha entrada no ITA.

No fim de 1952, eu estava em final de preparação para o vestibular de engenharia da UFMG, quando apareceu o Mario Lucas Dávila convidando-me para fazer também os exames para o ITA. “Que bicho é este”? Nunca tinha ouvido falar desta escola. O Mário não sabia muita coisa também. Mas o plano dele era o seguinte: cursávamos o CPOR (Infantaria) juntos e haveria um acampamento na mesma semana dos exames para este tal de ITA. Se papai emprestasse o Ford 41 e com a ficha de inscrição para tal vestibular em mãos, iríamos ao Comandante do CPOR pedir autorização para irmos de carro (muita criatividade...) ao acampamento e podíamos vir diariamente a Belzonte fazer as provas. Ficaríamos assim livres da marcha de 20 km de ida e 20 km de volta, mais toda aquela atividade matutina no acampamento. Papai concordou (o melhor Pai do mundo). O Comandante, após ser pego por aquela proposta indecente e não saber o que fazer, concordou também. Assim vínhamos todas as manhãs, de Fordão, para fazer as provas, íamos para casa tomar banho e almoçar a comidinha deliciosa da D<sup>ª</sup> Diva, tirar uma soneca (ninguém é de ferro...) e lá pelas 16 horas chegávamos ao acampamento, com ar de cansados... Na noite de quinta para sexta feira (último dia de acampamento e das provas), devido á qualidade “maravilhosa” da comida servida, sucedeu-se uma caganeira geral na tropa. Poucos privilegiados, inclusive eu, ficaram a salvo de tão grande desastre que se abateu sobre os pobres infantes do “glorioso”.

Fomos, na manhã, seguinte, de Fordão é claro, para a última prova – física – para depois ganharmos a liberdade. Pouco depois de ter feito a metade da prova, tive uma cólica fortíssima, que nada mais era, senão, o efeito retardado da caganeira geral da noite anterior! Pedi rápido ao fiscal para ir ao banheiro: pedido negado. Não deu para discutir muito com ele e a solução foi entregar a prova, com estava, para evitar vexame eminente.

Menos um problema: esqueci-me do ITA. Tinha, entretanto, atingido o objetivo do “plano d’Ávila”. Um mês depois recebi um telegrama dizendo que tinha sido aprovado. Pensei: deve ser engano e deve ter havido erro de nome, etc. Mas não era não. Informação: o Mario Lucas não foi aprovado, mas entrou no ano seguinte.

Vejam só: se não fosse ter um Pai como o meu, um Ford 41 à disposição e um Comandante do CPOR, que aprovou o plano no “susto”.... nada de ITA.

Em tempo: Papai, logo após eu ter recebido o telegrama, foi de Belzonte a São José dos Campos verificar o que era este tal de ITA. O Velho era maravilhoso, pois não poupou esforços e mesmo com grana curta foi de avião (só tinha avião ou trem, que levava 24 horas). Voltou logo e disse: vá para lá que vale a pena. Como eu já tinha sido aprovado na UFMG, foi difícil decidir. Ganhou o ITA, porque, além de oferecer os seis anos gratuitos, ainda pagava, para cada aluno, o equivalente ao soldo de Cabo da Aeronáutica.

Sem um Pai daquele e um Ford 41, nada de ITA.